



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

TACIO LACERDA DANTAS

**ENTRE MORANGOS E MOFOS: HETERONORMATIVIDADE NOS CONTOS
“SARGENTO GARCIA”, “AQUELES DOIS” E “TERÇA-FEIRA GORDA” DE CAIO
FERNANDO ABREU**

CAJAZEIRAS - PB

2021

TACIO LACERDA DANTAS

**ENTRE MORANGOS E MOFOS: HETERONORMATIVIDADE NOS CONTOS
“SARGENTO GARCIA”, “AQUELES DOIS” E “TERÇA-FEIRA GORDA” DE CAIO
FERNANDO ABREU**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

CAJAZEIRAS - PB

2021

D192e Dantas, Tacio Lacerda.

Entre morangos e mofos: heteronormatividade nos contos “Sargento Gracia”, “Aqueles Dois” e a “Terça-Feira Gorda” de Caio Fernando Abreu / Tacio Lacerda Dantas. - Cajazeiras, 2021.

56f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2021.

1. Análise literária. 2. Contos. 3. Caio Fernando de Abreu. 4. Heteronormatividade. 5. Literatura. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

TACIO LACERDA DANTAS

**ENTRE MORANGOS E MOFOS: HETERONORMATIVIDADE NOS CONTOS
TERÇA-FEIRA GORDA, SARGENTO GARCIA E AQUELES DOIS DE CAIO
FERNANDO ABREU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 26/05/2021

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
(UAE/CFP/UFCG - Examinadora 2)

Aos meus avós maternos;

As minhas irmãs.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A minha família, por todo apoio moral e financeiro. Principalmente, pelos exemplos de vida, foi vendo vocês que aprendi a lutar pelos meus sonhos. A vocês toda a minha gratidão.

As minhas melhores amigas, Albiana, Larissa e Victória, pela amizade nascida e que, entre disciplinas, desesperos e choros, festas e bares, alegrias e comemorações, encontros e desencontros, floresce amores até hoje. Obrigado.

Aos meus amigos, que estando presentes em minha vida, me fazem seguir adiante com ânimo e força. Em especial, aos amigos do grupo “*Call de Bronze*”, deram a essa caminha um tom mais feliz, obrigado. A minha vida tornou-se melhor porque eu conheci vocês.

Ao meu orientador Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior, por ter me acolhido, por sua generosidade e paciência, minha imensa gratidão. Pelas leituras e releituras atentas a meu texto e a maneira generosa com que conduziu o processo de orientação para que aflorasse sempre o melhor.

Aos demais professores do curso de graduação em Letras / Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – *campus* de Cajazeiras, não posso deixar de reconhecer esforço do trabalho e o aprendizado proporcionado por vocês.

“Nunca esqueça o que você é, o resto do mundo não esquecerá”.

Martin (2015, p. 43).

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar os personagens masculinos presentes nos contos “Sargento Garcia”, “Aqueles Dois” e “Terça-Feira Gorda” do livro *Morangos Mofados* (2005) de Caio Fernando Abreu e tentar estabelecer uma possível relação com a heteronormatividade. Para tanto, embasamos nosso estudo a partir dos teóricos como a filósofa Judith Butler (2003), Richard Miskolci (2011) e Guacira Louro (2012), acerca da heteronormatividade. A produção deste trabalho de pesquisa surgiu da paixão pelos textos do escritor Caio Fernando Abreu e, foi acentuada pela escassez de trabalhos voltados para a análise dos contos na perspectiva da heteronormatividade. Nosso trabalho consiste numa abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, e a nossa análise tem como objetivo os personagens masculinos dos contos escolhidos e a relação da heteronormatividade com o texto literário. Por fim, traremos o resultado alcançado com as análises dos contos. Com o desenvolver da pesquisa e ao perceber a importância da heteronormatividade, é possível que outros estudos sobre as obras de Caio Fernando Abreu possam ser analisados por esse viés. Portanto, a heteronormatividade nos proporcionou uma perspectiva de análise dos contos que pouco é utilizada pela crítica.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. Sargento Garcia. Aqueles Dois. Terça-feira Gorda. Heteronormatividade.

ABSTRACT

This work aims to understand the relationship between heteronormativity in the male characters present in the tales “Sargento Garcia”, “Aqueles Dois” e “Terça-Feira Gorda” from the book *Morangos Mofados* (2005) by Caio Fernando Abreu. In addition to that, we base our study on the theorists with philosopher Judith Butler (2003), Richard Miskolci (2011) and Guacira Louro (2012), about heteronormativity. The production of this research work arose from the passion for the texts of the writer Caio Fernando Abreu and, accentuated by the scarcity of works focused on the analysis of tales from the perspective of heteronormativity. Our work consists of a qualitative approach, bibliographic in nature, and our analysis aims at the male characters of the chosen tales and the relation of heteronormativity to the literary text. Finally, we will bring the result achieved with the analysis of the short stories, with the development of the research and when realizing the importance of heteronormativity, it is possible that other studies on the works of Caio Fernando Abreu can be analyzed for the bias. Finally, heteronormativity provides us with a perspective of the stories that little is used by critics.

Keywords: Caio Fernando Abreu. Sargento Garcia. Aqueles Dois. Terça-feira Gorda. Heteronormativity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Produção cinematográfica: Filmes Românticos.....	32
Figura 2	- Produção cinematográfica: Filmes de Dramas.....	33
Figura 3	- Produção cinematográfica: Filmes LGBTQ.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	-	Centro de Formação de Professores
HIV	-	Vírus da Imunodeficiência Humana
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande
UFRGS	-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A ESTÉTICA DO MOFO E O ESCRITOR COMPROMETIDO.....	15
3	HETERONORMATIVIDADE.....	23
4	ANÁLISE DOS CONTOS “SARGENTO GARCIA”, “AQUELES DOIS” E “TERÇA- FEIRA GORDA”	37
4.1	SARGENTO GARCIA	37
4.2	AQUELES DOIS	43
4.3	TERÇA – FEIRA GORDA	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS	55
	REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.....	56

1 INTRODUÇÃO

Caio Fernando Abreu é um escritor gaúcho dono de uma considerável produção literária. Ele tem obras de vários gêneros, mas é o conto que possui maior predominância em sua carreira. O início dessa trajetória começa com a publicação do seu primeiro conto, “*O Príncipe Sapo*” no ano de 1966, publicado pela revista Cláudia.

O “*Inventário do Irremediável*” publicado em 1970, é o primeiro livro de contos de Caio Fernando Abreu e foi com esse trabalho ele ganha o prêmio Fernando Chinaglia. É perceptível o impacto do prêmio para a carreira do escritor gaúcho e o quanto de destaque ele ganhou após a premiação, mas só em 1982 com a publicação de “*Morangos Mofados*” que ele consegue o reconhecimento nacional.

A produção deste trabalho de pesquisa surgiu da paixão pelos textos literários do escritor Caio Fernando Abreu e, acentuada pela escassez de trabalhos voltados para a análise dos contos tendo com foco os personagens masculinos na perspectiva da heteronormatividade.

Partindo para as particularidades dos contos de Caio Fernando Abreu, iremos analisar os personagens masculinos principais nos três contos: “Sargento Garcia”, “Aqueles dois” e “Terça-Feira Gorda” do livro *Morangos Mofados* (2005).

Diante disso, surgiu as seguintes inquietações: como poderíamos estabelecer uma relação entre os personagens masculinos presentes nos contos e a heteronormatividade? Como ela está problematizada nos contos e qual sua importância para a construção dos mesmos?

É importante destacar, que o principal objetivo da pesquisa é analisar os personagens masculinos dos contos “Sargento Garcia”, “Aqueles dois”, “Terça-Feira Gorda” do livro *Morangos Mofados* (2005), no viés da heteronormatividade.

Quanto ao tratamento teórico-metodológico que foi empregado na pesquisa, a mesma é de cunho bibliográfico, uma vez que utilizamos de livros, artigos científicos e monografias que trazem teorias e abordagens críticas importantes para o aprofundamento e compreensão da temática. De caráter qualitativo por se tratar de uma abordagem analítica e ter o propósito de compreender as diversidades propostas significativamente no *corpus* da pesquisa.

Para tanto, traçamos um breve panorama sobre as obras de Caio Fernando Abreu e partimos para dialogar um pouco com a crítica. E para isso, foram utilizados trabalhos de Alves e Pádua em *Análise homoafetiva do conto Terça-feira gorda, de Caio Fernando Abreu* (2000), Mozzaquatro em *Fragmentação formal e repressão em O Sargento Garcia, de Caio Fernando Abreu* (2001), Silva em *Homossexualidade e Homoafetividade em “Morangos Mofados”*

(2017) e Leal em *Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro – contos, identidade e sexualidade em trânsito* (2002), que discorrem sobre os trabalhos de Caio Fernando Abreu em diversos aspectos, enfatizando temas bastante recorrente e que são voltados para os contos escolhidos dessa pesquisa.

Em seguida, apresentamos a teoria estudada para a análise do *corpus* da pesquisa. E, para a realização dessa secção, utilizamos dos textos de Judith Butler (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Guacira Louro *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade* (2001), Richard Milskolci, *A teoria queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012), que trazem as considerações da filosofia e sociologia sobre teoria *queer*, gênero/sexo/binarismo e heteronormatividade.

A princípio, a pesquisa faz uma rápida apresentação do autor, citando as principais obras e dá destaque às produções do gênero conto. Com isso iremos fazer um breve diálogo com a crítica. No capítulo seguinte, tratamos das reflexões sobre a heteronormatividade, sendo assim partimos da teoria *queer* para compreendermos a relação entre gênero-binarismo-heteronormatividade, no intuito de entendermos melhor a importância da discussão sobre o tema e como a heteronormatividade está ligada a essas questões. No último capítulo, exploramos o universo dos contos escolhidos focando nos personagens masculinos na perspectiva da heteronormatividade. Por fim, traremos o resultado alcançado com as análises dos contos.

2 A ESTÉTICA DO MOFO E O ESCRITOR COMPROMETIDO

Nascido em Santiago no Interior do Oeste do Rio Grande do Sul, no dia 12 de setembro de 1948, Caio Fernando Loureiro de Abreu foi um dos escritores que mais atentou para as complexas questões surgidas na década de 1980. Foi contista, cronista, jornalista, dramaturgo e um dos expoentes da sua época. Trabalhou em revistas e jornais tais como: *Pop*, *Gallery*, *Nova*, *IstoÉ*, *Manchete*, *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *O Estado de São Paulo* e foi lá que também ganhou destaque. Ingressou no curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre e, mais tarde, Artes Cênicas na mesma, mas não concluiu ambos, pois optou por se dedicar ao trabalho jornalístico.

Os seus textos tratam de diversos assuntos e algumas das suas obras são marcadas pelos diálogos com diversos acontecimentos políticos, sociais e culturais característicos da segunda metade do século XX no Brasil. Assuntos, tais como: a ditadura militar brasileira, a urbanização e o crescimento caótico das cidades, a contracultura e o psicodelismo hippies. Os textos fazem frequentes menções à música popular/pop brasileira e estrangeira, ao estreito relacionamento entre uso de drogas, o cinema, o misticismo e a afirmação das religiões afro-brasileiras etc.

A literatura de Caio Fernando Abreu é composta por uma considerável produção de obras tais como: *Limite Branco* (1970) primeiro romance publicado pelo autor; *Inventário do irremediável* (1970) seu primeiro livro de contos; *Ovelhas Negras* (1974) livro de contos; *O Ovo Apunhalado* (1975), *Pedras de Calcutá* (1977) e *Morangos Mofados* (1982) são todos três livros de contos; *Triângulo das Águas* (1983) um conjunto de três narrativas longas; *As Frangas* (1988) livro infanto-juvenil; *Mel e Girassóis* (1988) narrativas curtas; *A Maldição do Vale Negro* (1988) peça de teatro; *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988) livro de contos; *Onde Andará Dulce Veiga* (1990) romance; *Pequenas Epifanias* (1996) livro que reúne suas crônicas; *O livro Teatro completo* (1997) no qual Caio Fernando Abreu que reúne toda a sua produção teatral.

Do repertório textual produzido por Caio Fernando Abreu os contos são o que ganham mais destaques aqui, tanto pelo objetivo de investigação da pesquisa quanto pela diversidade apresentada. O seu primeiro conto publicado foi “O príncipe sapo” lançado em 1966, publicado na revista *Cláudia*. Na década seguinte ele lança seu primeiro livro de contos: *Inventário do irremediável* (1970) que lhe rende o prêmio de Fernando Chinaglia.

O acervo textual de contos dá prosseguimento com a publicação dos livros: *O Ovo Apunhalado* (1975); *Pedras de Calcutá* (1977); *Morangos Mofados* (1982). *Ovo apunhalado* sofreu censuras em algumas partes em consequência da ditadura militar brasileira. Seis anos

depois ele lança o livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988) repleto de contos interessantes. E por fim, ele publica em 1995 o último livro editado por ele, chamado *Ovelhas Negras*, obra que lhe rendeu o prêmio Jabuti no ano de 1996.

Caio Fernando Abreu falece em decorrência do vírus HIV em 25 de fevereiro do ano de 1996, quando, segundo a crítica, estava em um dos seus melhores momentos profissionais, já que no Brasil estava tendo um bom reconhecimento e também desde do início dos anos 90 alguns de seus livros começaram a ser publicados em alguns países europeus. Após o falecimento, foi feito um recorte de suas crônicas, que foram publicadas em um livro chamado *Pequenas Epifanias* (1996), e seus contos em *Estanhos Estrangeiros* (1996), além disso um compilado de cartas que possuíam tons pessoais e também informações sobre o fazer literário e suas produções, *Cartas: Caio Fernando Abreu* (2002).

Foi com uma linguagem simples, fluida e temas não convencionais que Caio Fernando Abreu rompeu com os padrões literários e ganhou bastante destaque na contemporaneidade. Pode-se, portanto, identificar em seus contos, temas recorrentes, tais como: a vida solitária e anônima nas grandes cidades, à decadência do corpo, a busca de sensações associadas ao sexo, as drogas, a decadência psicológica e a entrega do ser humano aos sentimentos vinculados ao afeto, por fim, as críticas sociais. Relacionados a estes temas e circunscritos à dinâmica dos desejos e projetos de vida dos personagens de Caio Fernando Abreu estão os movimentos da perda, da busca, da espera e do encontro dos personagens com os seus objetos de desejo e projetos de vida.

Caio Fernando Abreu ganha reconhecimento nacional com a obra *Morangos Mofados* publicada em 1982. O livro é composto por contos, apresenta aspectos do contexto social da época, no intuito de passar uma visão dos valores, condutas, costumes e ideologias próprias do período autoritário e conservador. Repressão, censura, violência, solidão, medo, sexualidade e morte são alguns dos recortes temáticos apresentados neste livro, que busca apresentar tais artefatos para evidenciar e questionar o mal-estar que a contemporaneidade provocava no sujeito.

O título da obra – *Morangos Mofados* – parece fazer referência indireta à música “*Strawberry Fields Forever*” lançada no ano de 1967 pelos *Beatles*. A obra parece dizer que já não há mais aqueles “campos de morangos para sempre”, ou que, como diria John Lennon, “o sonho acabou”. Ou seja, metaforicamente, os morangos mofaram.

Com vinte contos, divididos em três partes: a primeira intitulada por “O mofo”, seguida da segunda “Os morangos” e concluído com a terceira parte composta apenas por um único

conto, de título homônimo a obra. O livro do qual nós iremos analisar os contos, ostenta uma variação em sua estrutura, perpassando o molde tradicional. *Morangos Mofados* foge da sequência lógica do narrador, personagens e um enredo que se desenvolve para chegar a um clímax, apresenta narrativas que são formadas apenas de diálogos diretos como em “Diálogo”, outros em forma de parágrafo único como em “Os sobreviventes”. É um livro misto em vários aspectos.

Outra característica marcante é o narrador que hora impacta com a sua presença, despertando novas perspectivas sobre os personagens, alimentando a imaginação do leitor ao narrar o enredo de forma clara e objetiva, em outra hora, quando se faz ausente e deixa apenas os personagens acontecerem em meio as suas divagações e conflitos psicológicos, autodiegético ou heterodiegético os narradores que nesta obra se encontram cumprem o papel de despertar no leitor um grande leque de sentimentos.

Os contos de *Morangos Mofados* são emblemáticos, já que lidam com experiências como o descobrimento sexual, a violência, a visão do *rock'n'roll*, a aproximação das drogas e a desilusão imposta pela ditadura. Uma narrativa reflexiva que nos convida a conhecer e questionar ideologias e posições da sociedade na década de 1980, a obra apresenta a mediocridade de uma parcela da sociedade que eram voltados para o culto dos valores tradicionais e os ditos bons costumes, busca aprazar o leitor a fazer parte dessas histórias e tomar uma posição crítico-reflexiva em relação ao contexto social e as posturas assumidas pela classe dominante.

É possível compreender que há uma ligação entre as narrativas pelas repetições dos cenários de dores, angustias e dos trajetos que encontram e desencontram os fracassos, formando o perfil do sujeito contemporâneo, isso fez com que muitos trabalhos críticos fossem tecidos sobre a produção literária de Caio Fernando Abreu.

Há uma vasta produção de trabalhos escritos sobre as obras de Caio Fernando Abreu, artigos científicos, TCC, crônicas e vários trabalhos frutos de mestrado e doutorado que buscaram entender sua literatura através de muitas perspectivas, dando foco para os diversos temas expostos, contexto histórico, literatura comparada, adaptação para cinema, estudos de gêneros e *etc.*

Alves e Pádua (2000) propõem um estudo do conto “Terça-Feira gorda”, de Caio Fernando abreu, dando foco para a temática homoerótica que segundo eles, envolve os personagens principais:

“Terça-feira gorda”, um dos contos de Caio Fernando Abreu mais conhecido pelo público e pela crítica literária brasileira, explora o tema da homoafetividade através de uma narrativa erótica com delicadeza poética, vinculada principalmente na forma como retrata a sensualidade dos corpos mantendo uma relação intrínseca aos elementos fluidos de uma praia, local onde a história é ambientada, por meio de uma narrativa motivadora de novos olhares sobre o espaço reservado ao corpo homoerótico e seus desejos. Assim como em outros contos do escritor, em ‘Terça-Feira Gorda’ há uma crítica social em relação ao preconceito e à repressão sexual das personagens homossexuais (2000, p. 7).

Segundo os autores, o homoerotismo serve para Caio Fernando Abreu nesse conto, como uma forma de reflexão para discutir a questão do preconceito sofrido pelos personagens, de acordo com sua análise, também seria uma forma de levantar questionamentos sobre a realidade e as consequências dos indivíduos homoeróticos e homoafetivos:

O homoerotismo na obra de Abreu vem confirmar que a produção literária do autor é uma referência ao preconceito, à discriminação e à violência homofóbica, simplesmente porque sujeitos queer ousam expressar e expor ao público seus desejos, sua identidade e sua sexualidade (ALVES; PÁDUA, 2000, p. 3).

A proposta é abordar o conto analisado através desse viés que visa discutir as questões como repressão, poder, homoerotismo, homoafetividade e homofobia:

Recorrente nas obras de Abreu, a temática homoafetiva se faz presente também aqui. “Terça-Feira gorda” conta a história do narrador e, também, protagonista, que, em pleno carnaval, estabelece um jogo de sedução com outro homem e, em meio a bebidas e drogas, os dois decidem concretizar essa atração na praia, local onde, mais tarde, serão vítimas de uma agressão física praticada por pessoas que não admitem o envolvimento homoafetivo. A agressão culmina na morte brutal, por espancamento, do parceiro do narrador. Nesta perspectiva, “Terça-Feira gorda” está denunciando um lado hipócrita, conservador e repressor da sociedade, em que o “mofo” é o elemento degradante que demonstra o caráter opressor, intolerante e violento do contexto social (ALVES; PÁDUA, 2000, p. 4).

As considerações feitas por Alves e Pádua (2000) são importantes para a fortuna crítica de Caio Fernando Abreu. É possível perceber que os autores estão colocando em evidência a questão do desejo, da sexualidade, da violência, do homoerotismo. Problematizando os fatos que decorrem dessas questões e a função do sujeito que não se enquadram na sociedade estabelecida pelo conto.

O estudo de Mozzaquatro (2001) trata do conto “Sargento Garcia” presente no livro “*Morangos mofados*” e aborda a perspectiva da fragmentação formal do discurso na obra e a questão da repressão ligada ao contexto histórico-social brasileiro, relacionando a fragmentação com o período da ditadura militar no Brasil.

O conto Sargento Garcia, que será abordado neste estudo, pertence à obra *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu, publicada em 1982, ano que corresponde a um momento de abertura política e de passagem de um período de domínio de ideologias autoritárias para uma política democrática. A realidade enfrentada recentemente esteve repleta de relações conturbadas entre as pessoas. Era o período ditatorial, instaurado em 1964, em que a repressão, a intimidação, eram algumas das estratégias utilizadas pelas autoridades governamentais para manter a desigualdade de condições de acesso ao conhecimento, limitar a possibilidade de mobilização social, e, conseqüentemente (*sic*), reforçar a hierarquia. Grande insegurança e incerteza marcavam a vida da população que não sabia o que iria acontecer em meio a tanta violência e destruição dos ideais democráticos (MOZZAQUATRO, 2001, p. 3).

Para alcançar a importância da fragmentação proposta pela pesquisadora, o estudo começa a discutir a questão do trauma levantado por Freud e como isso vai servir a teoria da literatura. No artigo a autora explica como as práticas autoritárias e atitudes propensas a violência impactam de forma negativa na vida dos indivíduos.

A fragmentação formal representou uma dessas inovações e, em Sargento Garcia, reflete, na própria estrutura, uma das possíveis conseqüências (*sic*) de situações fortes e traumáticas: a fragmentação das lembranças de experiências vividas, resultando na incapacidade de relatá-las de forma lógica e ordenada. O protagonista Hermes depara-se com momentos marcantes em sua vida, os quais deixam-no perturbado e com dificuldade de estabelecer um raciocínio coerente e linear para contar os fatos (MOZZAQUATRO, 2001, p. 3).

O estudo de Mozzaquatro (2001) é bastante curioso por abordar questões do discurso narrativo e acontecimentos históricos, propondo reflexão acerca do efeito de um sobre o outro. Na tentativa de explicar em seu texto um cenário de repreensão e censura que fazem parte do momento discutido, a autora acaba cometendo o equívoco de classificar a sexualidade de Hermes, uma vez que, o texto em nenhum momento evidencia essa questão.

Sargento Garcia, como pode-se perceber, é um conto que apresenta uma profunda conexão de problemas formais da literatura moderna com resultados negativos de experiências de violência e autoritarismo, vivenciados no cotidiano do século XX. Hermes, o narrador-protagonista, pode ser visto como o paradigma da condição do sujeito após vivenciar momentos de forte

repressão e violência. O jovem, vítima de opressão e temeroso do preconceito social sobre seus sentimentos homossexuais, tem sua integridade perturbada (MOZZAQUATRO, 2001, p. 10).

Silva (2017) apresenta em seu trabalho uma análise do conto “Aqueles dois” a partir dos conceitos e discussões que cercam o âmbito da psicologia e da sexualidade, a autora propõe também no fim do seu texto reflexões sobre a “cultura homossexual” articulada com as questões LGBTs (*sic*).

O conto “Aqueles dois” trata sobre questionamento da amizade entre dois homens a ponto de todas as pessoas da repartição, onde trabalham, insinuarem um afeto para além da fraternidade. Devemos pensar sobre as categorias de afeto e em sua forma homo, para nos aproximarmos da relação entre os dois personagens centrais. Nos debruçamos, para além do desejo homossexual, a relação afetiva entre “aqueles dois”, em sua divisão interna: fraternidade masculina ou homoafetividade? (SILVA, 2017, p. 23-24).

O estudo de Silva (2017) apresenta discussões sobre a possível relação entre Raul e Saul protagonistas do conto “Aqueles dois”, buscando atribuir significados e interpretações sobre o que é de fato a relação dos personagens. É perceptível que muitos trabalhos já foram escritos usando essa abordagem em que buscam enquadrar a sexualidade, ou tem a mesma como objeto de pesquisa.

Os dois contos analisados, bem como outros presentes na antologia “Morangos Mofados” (2008) de Caio Fernando Abreu, possuem sentidos que ressignificam os eixos da homossexualidade, do homoerotismo e da homoafetividade. No caso dos dois analisados neste trabalho, tanto a consciência do homoerotismo e da homossexualidade da personagem feminina, lésbica, e do masculino, gay, quanto a relação homoerótica e homoafetiva entre dois homens e seus desdobramentos sociais, redirecionam os estudos sociais e tornam matéria da literatura os temas abordados (2017, p. 34).

Bruno Leal (2002) faz contribuições sobre as produções de Caio Fernando Abreu. O autor escolhe cinco livros: *Inventário do irremediável* (1970); *O ovo apunhalado* (1975); *Pedras de Calcutá* (1977); *Morangos Mofados* (1982); *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) com o intuito de estabelecer um vínculo entre o texto produzido e o momento histórico no qual foi concebido.

Com isso, uma das preocupações desta pesquisa é com a “contemporaneidade”, com o período histórico no qual o texto em questão vem à tona, ou seja, em linhas gerais, com os últimos trinta anos do século

XX. Ainda que seja um termo impreciso, “contemporaneidade” é usado para designar um momento histórico para o qual é ainda impossível de ser traçado, sem que se submeta ao risco de descuidos e equívocos, um rosto claro e definitivo (LEAL, 2002, p. 7).

O autor ao fazer essa leitura, optou por dar destaque a elementos que são primordiais para o prosseguir de sua pesquisa, evidenciou a tríade “metrópole/identidade/sexualidade”.

Entre as identidades que se movem entre as tramas da metrópole contemporânea estão aquelas cujos portadores são indivíduos homoeroticamente inclinados. Seu movimento dá origem, no tecido urbano, a espaços flexíveis, móveis, que se superpõem aos já existentes. Forma-se um espaço qualquer, estranho, esquerdo, no interstício de um mesmo lugar tornado outro, pelo encontro com seus outros habitantes. Afinal, ainda que muito se tenha conseguido em termos de direitos sociais, cotidianamente o homoerotismo, um estrangeiro nas sociedades heterocentradas do Ocidente, é o elemento que exige a constituição de espaços outros que possibilitem a sua manifestação e o contato entre as pessoas (LEAL, 2002, p. 13).

Leal (2002) propõe uma relação entre a sexualidade do indivíduo e a questão da urbanização, acentuando a reflexão sobre o conflito interno e a identidade dos personagens. Segundo o autor, os indivíduos homoeróticos criam novos espaços flexíveis e estranhos que destoam do ambiente padrão já existente, resultando na marginalização desse ser e na dificuldade de uma identidade fixa da sexualidade. Por isso: “um estranhamento, um sentimento de inadequação, como se toda a certeza estivesse impregnada por uma transitoriedade” (LEAL, 2002, p. 21).

Discorrendo agora sobre a produção dos contos, no que diz a respeito à estrutura e narrativa o autor explica:

Composto por um vasto número de historietas de tamanho variável, mas sempre curtas, esse conjunto, a princípio, constituiria uma espécie de amontoado de relatos dispersos e sem ligação entre si. No entanto, esse é um dos aspectos cruciais que caracterizam essa obra: há entre eles uma coerência, uma espécie de organicidade, manifesta em recorrências e movimentos que unem os fragmentos que a compõem, levando a pensar num texto que se formaria a partir de vários outros (LEAL, 2002, p. 23).

No entanto, tais contos estão reunidos em partes, ajuntados em grupos no interior de cada livro. Tal divisão sugere, ela mesma, uma ligação entre os textos. Mais do que isso, cada livro apresenta uma espécie de lógica, um propósito, um projeto que se delinea a partir do seu título, invariavelmente extraído do último (LEAL, 2002, p. 24).

Apresenta uma visão bastante curiosa a respeito das cinco obras citadas, além dessa análise envolvendo os elementos “metrópole/identidade/sexualidade” ele sugere que as obras são diferenciadas porque possuem indivíduos “excêntricos”, que destoam do “[...] mundo tradicional, heterossexual, católico, classe média” (LEAL, 2002, p. 46). São essas e outras reflexões que fazem de Leal (2002) um contribuinte importante para a produção de Caio Fernando Abreu.

3 HETERONORMATIVIDADE

Neste capítulo nós buscamos compreender o conceito da heteronormatividade, propor reflexões sobre o tema e citar exemplos para auxiliar na compreensão dessa prática social. O presente trabalho abordará o pensamento da filósofa Judith Butler, Richard Miskolci e Guacira Louro, acerca da heteronormatividade.

É oportuno citar que este trabalho não pretende classificar a orientação sexual dos personagens, nem aprofundar sobre, mas analisar e discutir como ocorrem as relações afetivas e a importância da heteronormatividade na construção delas. Para a heteronormatividade existir, se instaurar e exercer suas regras, ela faz o uso de alguns conceitos que aqui serão explicados. No intuito de fazer compreender, é preciso entender algumas questões tais como teoria *queer*, gênero, sexo e binarismo que são importantes para o conceito de heteronormatividade.

Segundo Miskolci (2012), em termos políticos, o *queer* surge a partir de membros dos movimentos sociais de vários grupos, que expressos na luta pelos direitos de suas bandeiras visaram também por desvincular a sexualidade da reprodução, trazendo visibilidade para a questão do prazer e a ampliação das possibilidades de se relacionar.

Já a teoria *queer* não tem exatamente um ponto de partida, mas especula-se que tenha surgido em meados da segunda metade da década de 1980, nos Estados Unidos, em meio a epidemia da *AIDS*¹. Essa epidemia foi usada/interpretada pelas autoridades governamentais e as instituições conservadoras como um castigo para aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional, ou seja, a doença era uma punição pelas práticas sexuais executadas entre pessoas do mesmo sexo.

Em consequência desses atos, surgem movimentos mais radicais do que os anteriores, materializados no ACT UP², e no *Queer Nation* de onde vem a palavra *queer*. O *Queer Nation* carregava o estigma das pessoas que foram rejeitadas, humilhadas, negligenciadas, consideradas abjetas, motivo de desprezo, nojo, e medo de contaminação. Por isso que o termo “*queer*” é a oposição do “normal” ou do sistema normatizador, era usado para caracterizar aquilo que é considerado “anormal”, “esquisito”, “aquilo que foge do padrão”. Direcionado também a homens e mulheres homossexuais no intuito de degradar, já que o termo possuía um tom pejorativo.

¹ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

² *AIDS Coalition to Unleash Power*, é um grupo político internacional, que visou trabalhar para o combate da epidemia da *AIDS*. Fundado em março/1987, em *Nova York, EUA*. Tendo como fundadores, Larry Kramer, Dilidier Lestrade, Vitor Russo.

O termo *queer* surge em decorrência da necessidade de resistir e firmar um novo momento biopolítico instaurado pela AIDS. Contestando o que era socialmente aceito e o que seguia sendo desprezados e deslegitimado pela a sociedade, é tanto que:

O *queer* busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento de normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais”. Quer alguém seja completamente ajustado e reconhecido socialmente, quer seja alguém marcado, humilhado, as normas e convenções operaram sobre os dois e ambos são capazes de reconhecê-las (MISKOLCI, 2012, p. 26).

Então fica claro que a luta e as questões do *queer*; não são exatamente a da homossexualidade, mas especificamente a do abjeto, desse sujeito que não é visto como normal, da situação que destoa do padrão social estabelecido como correto. *O queer* busca questionar o regime entre o normal-anormal, enquanto a luta da homossexualidade está focada no binarismo hetero-homo, a sua luta política perpassa a defesa da homossexualidade e se volta a criticar os regimes de normatização visando a diferença como uma nova forma de atuação ao invés da diversidade. Ela encara a concepção de poder de forma disciplina/controla e não apenas repressora.

Após o uso desse termo, a italiana Teresa de Lauretis produz o artigo “*Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*” publicado em 1991 na revista *Differences*, e nomeia o mesmo como ‘teoria *queer*’ e a partir dessa terminologia, é que teóricos vão começar a usar esse termo para nomear estudos sobre gênero e sexualidade. Dando origem a obras tais como: “Epistemologia do armário” e “Problemas de gênero” da filósofa Judith Burtler que se tornou o maior referencial dos estudos *queer*.

Compreende-se, que o uso do termo *queer* é utilizado para classificar uma linha de pensamento e pesquisa, encarado como um ato político de resignificação da injúria. Ao se denominar *queer* era uma forma de combater as forças normatizadoras, o uso do termo que antes era designado como ofensa e para causar vergonha, agora tinha se tornado símbolo de uma luta que visa espaços de desestabilização, e explicar que os fenômenos relacionados à sexualidade ao gênero não se dão de forma linear e regular, mas de maneira fluidas e, sobretudo politizada.

Para compreender o conceito de gênero, vamos partir das reflexões propostas pela filósofa estadunidense Judith Butler, umas das principais teóricas contemporâneas tanto do

feminismo como da teoria *queer*. Segundo BUTLER (2003), gênero não é o mesmo que sexualidade e ambos são construções sócio-históricas e não designações da natureza.

Se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2003, p. 24).

Além disso, gênero não determina a sexualidade e vice-versa, para a autora não existe uma amarra de um para com o outro, o gênero se constrói discursivamente na prática social, o bebê não sabe o que é ser um menino ou o que é ser uma menina. São as ações que correspondem a essa construção. O nome vai ser uma das questões, caso seja “ele” vai ter o nome de menino, se for “ela” vai ter o nome de menina, vai usar roupas na cor azul ou rosa. É como a gente fala sobre o gênero, por isso que são construídos socialmente e discursivamente.

Quando a autora propõe a reflexão de que a sexualidade é uma superfície neutra na qual a cultura age, ela está falando sobre as questões que nós estamos impondo, e exigindo que sejam cumpridas a partir do momento que assumimos estar definindo a sexualidade baseado nos conceitos que nós conhecemos. Por exemplo, quando acreditamos no conceito ultrapassado de que o órgão sexual corresponde ao gênero masculino e feminino, isso implica dizer que a partir daí tudo já está definido, a forma de se comportar no mundo, as vestimentas, posicionamentos, ações e conseqüentemente a sexualidade, a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico.

Se um bebê é identificado por nós como masculino, suas roupas serão azuis, seu posicionamento será baseado em seu gênero e sua sexualidade será induzida a sentir atração pelo sexo oposto, “homens são assim e mulheres são assado”, porque “é da sua natureza”. São construções baseadas em conceitos já estabelecidos socialmente, nos significados que nós atribuímos.

Ao longo do tempo, a sociedade em que vivemos espalha a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa vem a ser homem ou mulher. Contudo, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, e sim social.

As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por

relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 6).

O sexo é visto como biológico, já o gênero é uma construção social, cada qual pelas diferenças culturais. A ideia de masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma mera questão de gênero. E o gênero vai além do sexo, o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não é a formato/configuração genital, mas é a identificação, é a forma como a pessoa se expressa socialmente.

O ponto de virada dos estudos de gênero se dá na ideia de desconectar a questão “biologia e sociedade”, “cultura/natureza”. Acreditava-se em uma essência masculina, em uma essência feminina. E ficou claro através de estudo que não existe isso, não há algo genético que comprove o comportamento em termos de masculinidade e feminilidade.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstâncias. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito complexo e essa dedução pode ser (muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados (LOURO, 2000, p. 8).

O gênero e o sexo são consolidados nos corpos através dessas regras que os teóricos chamam de “normas regulatórias” e que são constantemente reforçadas, repetidas, aprovadas e que assumem o caráter de normalidade por muito habito dessa prática, uma tentativa de forçar um conceito de masculinidade e de feminilidade possível, estagnada, binária, não mutável.

Assumindo assim, o conceito de binarismo de gênero, que baseado na heteronormatividade busca encaixar as definições sexuais humanas em duas palavras: homem e mulher, buscando sempre instaurar de forma concreta o contexto masculino e feminino. Para Butler (2003, p. 25), “na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”.

Dessa maneira, o gênero, sendo uma das formas básicas de organizar a cultura, em conexão com a sexualidade e o enquadramento desse binarismo, molda um padrão regulador perfeito para o que pode ser possível. Ao separarmos os gêneros em binários, estamos limitando os corpos a uma estrutura engessada. A binaridade de gênero tem a função de organizar a sociedade em duas categorias, homens e mulheres, exercendo assim uma oposição entre os sujeitos. São definidas no nascimento do sujeito e reproduzidas em seu corpo.

Essa regulação que contamina os costumes, é bastante pertinente e está enraizada no âmago da nossa sociedade. Pode ser encarada como uma questão trabalhada e discutida no século XXI, mas que ainda chama muita atenção para ser objeto de estudo, porque ela caminha com a sociedade. Presente em qualquer ambiente, desde aplicativos a pessoas que são condutoras de políticas públicas do Brasil.

A ministra Damares Alves no que chamou de “nova era” para o Brasil, fez declarações retrógradas, binárias e extremamente heteronormativas, “Menino veste azul, menina veste rosa” foi a sua primeira “proposta” até então na sua vexaminosa atuação nesse cargo de imensa importância, em janeiro do ano 2019. A norma nesse sentido serve para excluir e marginalizar tudo aquilo que não se enquadra no padrão.

Seguindo as reflexões propostas por Butler (2003), para que haja esse efeito singular interno e coerente de homens e mulheres, a matriz heterossexual tende a estabelecer uma inteligibilidade de gênero, ou seja, o objetivo principal é tornar esses enquadramentos mais simples e atados para produzir identidades e verdades por meio de normas que anulariam qualquer possibilidade de uma nova estrutura ou identificação que não fosse esse sistema oposicionista binário de gênero. E todo esse sistema e objetivos regulatórios se tornam uma fonte, ou a principal fonte para o nosso objetivo de pesquisa, que neste caso, é a heteronormatividade.

Para Butler (2003), a heteronormatividade é chamada de heterossexualidade compulsória, é algo regulador, como uma lei. Pesando na construção dos indivíduos de forma geral, a ideologia heteronormativa engloba muitos aspectos, vem ao longo do tempo propagando aos homens modelos hegemônicos, como devem agir, por quem devem sentir desejo, propaga a ideia de supremacia em relação ao sexo oposto. Essa ideologia, para ela é uma prática reguladora de sexo/gênero/desejo. É um conceito que envolve muitos questionamentos sobre uma estrutura enraizada nos costumes da nossa sociedade, mas que no fundo significa seguir as normas que a sociedade impõe, ou seja, ser heterossexual e cumprir os requisitos designados pelo seu gênero.

A heterossexualidade é uma espécie de matriz sexual a ser seguida, e o adjetivo de “compulsório” empregado por ela é caracterizado pela exigência de que a heterossexualidade seja vista como a única sexualidade natural e normal no ponto de vista da sociedade, fazendo com que as pessoas sejam influenciadas a serem heterossexuais, visto que todo acontecimento que ocorre nas nossas vidas, desde o nascimento já é designado pelo olhar normativo, só a heterossexualidade é uma sexualidade, o resto são vistas como sexualidades invertidas. Isso

faz com que a norma restrinja às outras possibilidades de ser e existir, anulando toda a multiplicidade de gênero e sexualidade.

A heterossexualidade deixe de ser apenas sexualidade e se torne um comportamento, uma norma, um padrão. Controla a forma de se expressar em sociedade. A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual o mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida (MISKOLCI, 2012, p. 15).

Levamos uma vida pautada, controlada e limitada por conceitos genéricos, aprendidos na cultura, tidos como certos e conseqüentemente, verdadeiros. O mais assustador de tudo é que não percebemos como o nosso cotidiano está contaminado por essas concepções simplórias que sustentam o sistema heteronormativo e que produzem constantemente, de forma discreta ou não, comportamentos e atuações “certas” a serem seguidas.

A heteronormatividade é a forma padrão de como as pessoas em sociedade devem organizar suas vidas, ou seja, é necessário seguir o modo heterossexual, levando isso como modelo canônico, como devem se comportar, a forma de se relacionar, vestir, falar, ser e existir, tudo que foge deste padrão heteronormativo não é visto com bons olhos, não é um bom exemplo, muitas das vezes é posto como exemplo de como não ser.

Apesar de a sociedade naturalizar uma única forma de expressar a sexualidade, existem diversas outras e que são tão naturais como a heterossexual, tais como a homossexual ou a bissexual.

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmo, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos “outros” (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se ao direito de representar pela negação ou (pela subordinação) as manifestações dos demais grupos (LOURO, 2000, p. 9-10).

Levando em consideração estas constatações, é importante a necessidade de trazer discussões, que contribuam para a quebra de paradigmas que estão enraizados em nossa sociedade. A ideologia normativa é baseada em pré-conceitos estabelecidos socialmente, politicamente e em crenças, tais como: as religiosas que, ao longo do tempo, buscou reprimir a sexualidade, propagou o controle sexual dos indivíduos. Podemos constatar um desses atos quando se referiu que à relação sexual padrão se dava unicamente entre homens e mulheres.

Esses mecanismos operam, fortemente, no campo da sexualidade. Aqui, uma forma de sexualidade é generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos. A heteronormatividade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são construídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é algo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento (LOURO, 2000, p. 10).

É uma forma de dominação e controle social, porque a matriz precisa que os indivíduos sejam heteronormativos, onde um grupo precisa se estabelecer superior ao outro, é uma questão de poder. E para que exista esse outro, a heteronormatividade faz o uso do binarismo. Não é algo casual, para que a heterossexualidade se mantenha firme e atuante ela precisa contrapor a homossexualidade, legitimar-se como superiora e absoluta, baseada em um processo de construção de sujeitos masculinos, obrigatoriamente heterossexuais que rejeitem a feminilidade e a homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamento.

O modelo heterossexual é um parâmetro para todos, para se conseguir o poder ou os privilégios proporcionados pelo padrão hegemônico, deverão provar sua sexualidade de maneira contínua, exorcizando de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade. Buscando sempre manter distância do mundo das mulheres e controlar as manifestações de afetos para com os homens.

Culturalmente estamos seguindo sob rédeas de dogmas religiosos. A TV e seus comerciais raramente exploram outras formas de relações que não heteronormativa, matrizes ou padrões hegemônicos. As pessoas que não seguem esse padrão estão a margem dessa sociedade, têm que subjugar-se a um sistema que não reconhece como legítimas, tampouco as protege, restando a elas dois caminhos, enquadrar-se aos modelos ou resistir.

Muitas das vezes adaptar-se a esse padrão seria mais fácil, mas em meio a repressão e um cenário nada propício para a existência desses seres, há uma parte que resiste, porque a heteronormatividade obriga o indivíduo a agir como se fosse hetero, para que seja considerado legítimo e normal.

Essa exemplificação de papéis e funções sobre “masculino” e “feminino” historicamente falando é importante para confirmar essa divisão que a norma busca estabelecer através desse binarismo de gênero do qual tratamos no começo, mas fica aqui afirmado que o interesse desse capítulo é a heteronormatividade.

Ao longo do tempo este padrão foi transmitido baseado em fundamentos políticos, econômicos, religiosos e biológicos, influenciando o comportamento de toda uma sociedade. Um exemplo disso é a norma de como homens e mulheres deveriam ser. Por muito tempo esperou-se que as mulheres fossem seres sentimentais e reprodutores, femininas, submissas, leais, pois só assim seriam geradoras de filhos legítimos, seus corpos eram vistos como propriedades privadas dos seus respectivos maridos, que não possuísem desejos, que fossem seres unicamente domésticos.

Quanto aos homens, principalmente que honrassem sua masculinidade, que fossem heterossexuais, possuísem vários herdeiros, sempre bem-sucedidos, fortes e bravos, por fim, que fossem seres sexuais. Não podendo fugir desses conceitos, essa prática reguladora a qual chamamos de heteronormatividade, pressupõe um mundo onde a única forma de se relacionar seja heterossexual.

A heterossexualidade está diretamente ligada ao binarismo de gênero, funções e atuações são classificadas a partir dessa ligação, como sabemos desde a geração do feto essas normas já são postas, e é por isso que constantemente vemos em redes sociais chá de revelação, onde o menino é representado pela cor azul, supondo que a cor, por uma ideia já construída servisse para direcionar algo.

Na infância, não faltam representações de como expressar a sexualidade por meio de exemplos, começando por o papel do pai e da mãe, quando ausente uma dessas duas partes, sobram os desenhos, filmes, novelas. Além de sermos constantemente instruído a brincar com objetos tais como: carros, espadas, cavalos, bolas e outros que remetem as profissões supostamente tidas como “masculinas”. Imitar ações do pai, desenvolver atividades que exijam força e agilidade, em detrimento disso, evitar brincar com objetos que remetam ao âmbito doméstico e reprimir o lado sentimental.

Na adolescência com as produções de hormônios e o contato direto com outras instituições sociais, vão expandindo os interesses. Todos também moldados pela heteronormatividade, os principais locais, sugiro eu, que são: a escola, templos religiosos e a própria casa de familiares. E como isso ocorre? Ou o que é feito quando é observado algo fora do padrão?

A forma de regulamentação se dá através de piadas, comentários sutis, aparentemente sem muita gravidade e que não levantam suspeitas, mas que o tempo todo visa regular, investigar, colocar em evidencia e tentar enquadrar as pessoas no padrão heteronormativo. Tudo aquilo que foge do padrão, do estereótipo masculino, levanta suspeita para essas pessoas que

visam regular tais comportamentos. Sugerindo comentários tais como “cuidado com fulano!”, “você não acha que o seu filho é um pouco diferente?”, “você não acha que o comportamento dele é estranho?”, “ele não é muito extravagante?”. Tem sempre uma visão normativa e regulatória para comportamentos que fogem do padrão.

É preciso demonstrar a essas pessoas, ou perante a sociedade que o indivíduo é apto, demonstrar ser capaz, sexualmente dominante, reconhecido por atributos como força, controle, segurança, proteção, determinação e dominação. Exercer esse domínio ao explicar que se relaciona com muitas mulheres, exclusivamente de forma sexual, precisa demonstrar ser viril, possuir o pênis grande uma vez que, os homens se orgulham ou se intimidam com a medida de seus órgãos sexuais.

Outro exemplo disso é perguntas tais como: “cadê as namoradas? /e as namoradinhas?” como já tivesse presumido que pelo fato de ser homem necessariamente tivesse que ser “uma namorada”, porque todas representações de relacionamento, afeto e amor que temos na nossa sociedade privilegiam a heterossexualidade, é sempre o homem e a mulher demonstrando esse amor um pelo outro, quando direcionada a um casal homoafetivo surgem questionamentos tais como: “quem é o homem da relação?” esquecendo que a existência de um homem ou uma mulher na relação implicaria na inexistência de um casal *gay*. “A sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as” (MISKOLCI, 2012, p. 42).

A heteronormatividade não deveria definir papéis em relações homoafetivas, porque não se pode assumir um papel que não lhe pertence, mas ela é uma força absoluta na qual exige a existência de um homem e uma mulher, ou alguém que cumpra esse papel na relação. Expressa um caráter poderoso pela forma como exerce o controle dos indivíduos e todos os aspectos que o cercam, não existe a possibilidade de fugir dela, todos os indivíduos são contaminados por ela, há uma gradação, onde alguns são mais impactados e outros menos. Na perspectiva *queer*, as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamentos social, de controle, de normatização (MISKOLCI, 2012, p. 18).

Não estagnada no tempo a medida em que vai passando surge ainda mais pressão em forma de exigências que refletem essas normas impostas pela sociedade, um exemplo disso, é a necessidade de um matrimônio, quando já se está atingindo uma certa idade, para legitimar a sexualidade e dar continuidade a essas regras que tanto nos abalam.

Os indivíduos são obrigados a manter relacionamento e eventualmente casamentos com pessoas do sexo oposto, gerar filhos e prover a família, assistindo de perto o desenvolvimento dos herdeiros até o restante da vida.

Quando não seguem essa regra que visa a necessidade do matrimônio, é preciso expressar de forma nítida sua virilidade, primeiro provar sua condição de homem através da construção de uma figura honrada, com ar de autoridade, e o segundo passo é exercer a função de garanhão, aquele que controla através do sexo, de forma ativa e dominante.

Se o ato sexual é, pois, uma relação de dominação é porque está fundado num princípio de divisão entre o desejo masculino de possuir e dominar e no reconhecimento feminino de subordinação e dominação. Sobre a homossexualidade esse desejo de dominação também se exerce, ao ponto de transparecer uma relação clara entre “penetração e poder”, em que um dos envolvidos é feminizado e, portanto, desprovido de seu estatuto de honra e dignidade masculina (LOSTADA, 2015, p. 4).

A masculinidade precisa ser exercida e legitimada pelos os outros, perante outros, de forma que expresse essa virilidade durante o ato sexual, que seja dominante, capaz de exercer essa dominância, seja ela entre casais heterossexuais ou casais *gays*. A heteronormatividade opera a base dessas regras, independentemente do tipo de casal ela obriga que uma parte exerça essa função.

As manifestações da sexualidade, tendem a ser afetadas pela heteronormatividade, nós somos incitados a sermos heterossexuais, uma vez que o indivíduo não se identifique com a heterossexualidade, mesmo assim é preciso se comportar como se fosse um, ou seja, a heterossexualidade passa a ser um comportamento, um modelo hegemônico de como ser em sociedade. Tudo isso, visando ser aceito e respeitado, é a norma que define quanto mais próximo do padrão, melhor aceito.

A intimidade cultivada nas relações de amizade entre sujeitos femininos e a expressão da afetividade por identificação e toques físicos são comuns perante o olhar da sociedade já que as práticas afetivas entre o gênero feminino costumam ter uma maior aceitabilidade do que o masculino.

A heteronormatividade cobra dos homens para com outros homens, relações reduzidas. Não incentivam afeto entre eles, ou questionam a masculinidade quando há praticas afetivas, as pressões levam a isso. O contato físico parece não existir de forma genuína, quando praticado em situações específicas tipo no esporte, se dá de maneira cuidadosa e cheia de restrições. Partindo desses pressupostos, os discursos e todas as práticas comedidas são o reflexo desse

comportamento regulatório, que para se instituir como absoluto, restringe papéis sociais e define através dele o que é certo, natural e normal.

A heteronormatividade é uma norma atuante, ou seja, ela permanece, ainda que questionada ao longo dos tempos, ditando os moldes legítimos e canônicos a serem seguidos. Por exemplo, o conceito das palavras "casal", "amor", "família", "romance", "namoro" e "casamento" ainda são representados fotograficamente de acordo com o heterocentrismo compulsório. Segundo Neto (1999), a família, o casamento e o amor eram realidades sociais intrinsecamente associadas à vinculação afetivo-sexual entre um homem e uma mulher.

Nesse sentido, a heterossexualidade pode ser entendida como algo além do que expressar a sexualidade, torna-se um modelo político e econômico a ser seguido, quando surge a configuração de matrimônio onde o homem e a mulher constituem uma família, com filhos, adquirindo bens materiais. Surge um estilo de vida a ser seguido, um padrão de família que atende aos interesses heteronormativo. A família exemplificada no comercial de margarina para a TV é sempre composta por um pai representado por um homem hetero e *cis* gênero, uma mãe representada mulher hetero *cis* gênero e dois filhos, um menino e uma menina, para exemplificar a ideia do padrão normativo de família, ou seja, do padrão natural de família e casal.

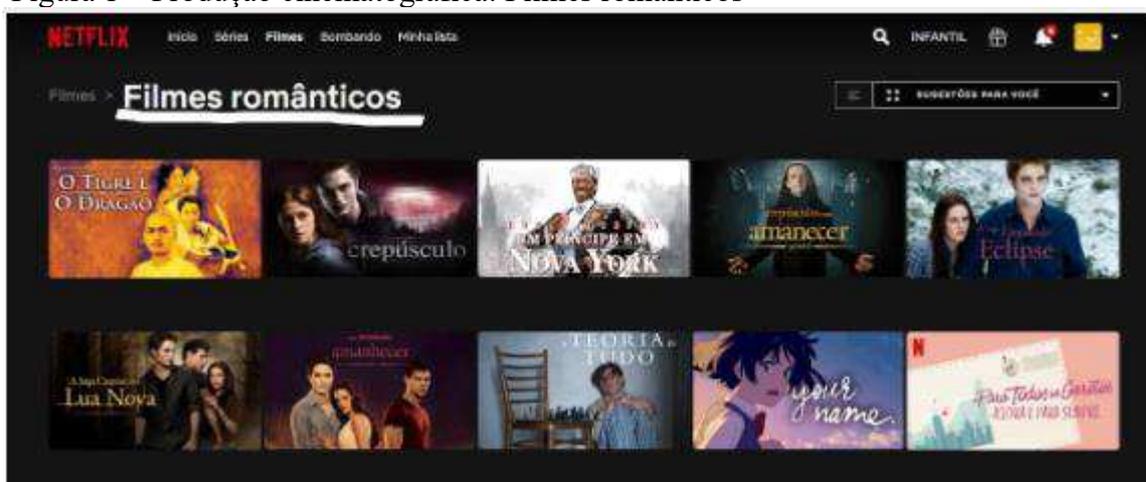
Em algum momento a gente pode pensar que tal propaganda não passe de uma ação de marketing, para venda do produto, mas é justamente aí onde está o problema, não enxergar que todas as propagandas relacionadas a esse produto são nesse molde, a marca em questão não poderia produzir outro comercial para além do conceito de família com o qual nós já estamos familiarizados. São modelos históricos que vão se moldando com o tempo, e também se transformando de acordo como vai sendo mostrado.

A heteronormatividade exerce seu caráter excludente quando não reconhece outras pessoas que não são heterossexuais como legítimas. Quando chega ao parque ou outro ambiente de lazer vê-se que a placa é uma representação de uma família heterossexual. Nos seriados, em sua grande maioria, o enredo é protagonizado por um casal heterossexual, a trama é sobre eles, sobre a vida deles.

Quando filmes são produzidos com uma temática que foge desse padrão hegemônico, logo é tratado de direcioná-los para um público específico e a própria plataforma de *streaming* que oferece o tal serviço, busca arranjar uma categoria para essa produção, sugerindo que ela não possa agradar a todos por conta da sua temática e passe a ser de interesse apenas daquele nicho específico de pessoas que já buscam por aquela categoria.

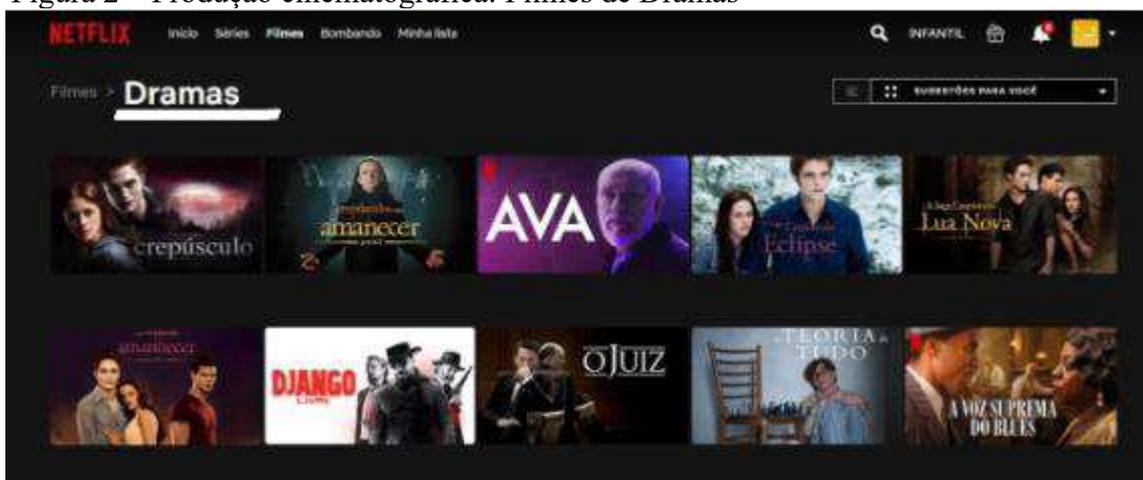
Quando se trata de um filme que seja classificado como comédia romântica, a descrição no geral fala sobre um casal que passa por algumas aventuras, ou sobre uma garota que era rejeitada por conta da aparência, posteriormente torna-se uma mulher maravilhosa e uma série de acontecimentos repletos de alívio cômico, mas em nenhum momento o filme tem a classificação de comédia romântica heterossexual, a sexualidade dos casais não se torna uma categoria para classificar o filme. Diferente de produções com personagens LGBTQIA+, existe uma classificação que separa esses tipos de produções.

Figura 1 – Produção cinematográfica: Filmes românticos



Fonte: Netflix (2021)³.

Figura 2 – Produção cinematográfica: Filmes de Dramas

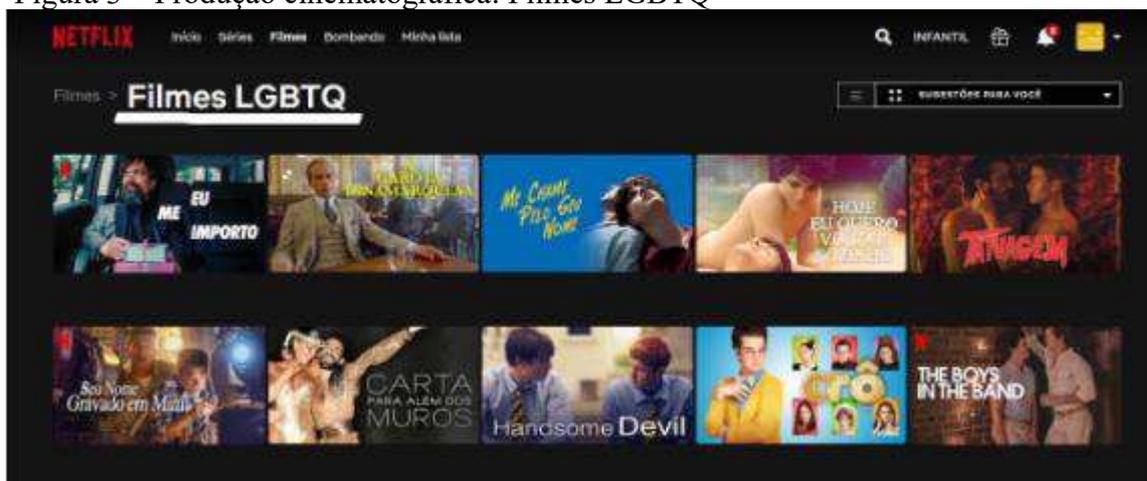


Fonte: Netflix (2021)⁴.

³ Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse/genre/8883?bc=34399&so=su>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

⁴ Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse/genre/5763?bc=34399&so=su>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Figura 3 – Produção cinematográfica: Filmes LGBTQ



Fonte: Netflix (2021)⁵.

Optei pelo método de exemplificação através de *figuras* para que se torne mais compreensível o conceito de heteronormatividade e como ela opera no meio social. Ambas imagens são produções cinematográficas (filmes), com os mesmos gêneros (romance/drama), mas que são separados em categorias diferente pela orientação sexual dos protagonistas, a “temática gay” como costuma ser chamada, destoa do gênero romance/ drama tradicional e se funda em uma categoria específica, comédia romântica gay ou romance gay/drama gay.

A heteronormatividade funciona dessa maneira, exclui do meio o que não é tradicionalmente padrão. Colocando fora da margem tudo aquilo que não se enquadra de acordo com as suas regras, produções LBGQTQIA+ como são enquadradas, não perdem em qualidade nem em roteiro ou qualquer outro aspecto que faz um filme ser bom, mas são diferenciadas unicamente por essa questão.

As comédias românticas que passam em programas de tv não são definidas pela orientação sexual dos personagens porque elas são heteronormativas, as vivências narradas pelos filmes não precisam ser categorizadas porque são vistas como “normais”, logo, compreendida como as vivências que ocorrem com todos. A troca de afeto, tais como beijo, abraço, atos sexuais encenados nesses tipos de filmes não chocam a sociedade porque são o padrão, mostra aquilo que é aceito perante os olhos da sociedade. Privilegiando uns e deslegitimando outros, em vários aspectos.

A discussão sobre heteronormatividade se faz necessária devido à comprovação do seu caráter excludente, que em um só tempo afeta os indivíduos como um todo, prejudicando

⁵ Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse/genre/5977?bc=34399&so=su>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

aqueles que não seguem a meta, ofuscando as múltiplas possibilidades de comportamentos. Fica compreendido que a heteronormatividade é uma normatização/fixação de determinadas ideologias contidas em nossa sociedade ao longo do tempo. Conforme afirma Louro (2001, p. 59).

[...] a sociedade busca, intencionalmente através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual.

A heterossexualidade – e a heteronormatividade – é para a cultura algo natural, é preciso considerar que isto tem uma história, relacionada com articulações específicas de poder - saber que, em um determinado tempo e lugar, legitimaram o comportamento heterossexual como “normal”.

Dessa forma, a escolha do objeto de pesquisa parte da percepção de que a heteronormatividade está presente em nossa formação e tendo os personagens masculinos como nosso recorte principal, iremos analisar qual a sua importância na construção dos contos e como ela é exercida, tomando como base ações que cercam os personagens e constroem os contos.

Fica claro que a heteronormatividade afeta toda a sociedade, tem o caráter regulatório, excludente, afeta as possibilidades de gênero/desejo/sexualidade, regula comportamentos e toda a formação do indivíduo, considerado um modelo hegemônico que dita muitos costumes. É por isso que surgiu a necessidade de trazer a discussão a respeito do tema, tudo é normatizado, há processos de normatização.

Levando em consideração tais constatações, veremos no próximo capítulo a importância da heteronormatividade e como ela interfere na construção dos personagens e no enredo dos contos “Aqueles dois”, “Terça-Feira Gorda” e “Sargento Garcia” de Caio Fernando Abreu.

4 ANÁLISE DOS CONTOS “SARGENTO GARCIA”, “AQUELES DOIS” E “TERÇA-FEIRA GORDA”

O principal objetivo desse capítulo foi evidenciar através da análise uma possível relação entre heteronormatividade e os contos escolhidos. Mesmo sendo uma criação artística e não tendo nenhuma obrigação com a realidade, os contos partem de uma ideia realista, apresentando personagens carregados de características humanas. Uma vez que é possível perceber na construção dos personagens/enredos/narrador essas normas inseridas nos sujeitos dos contos, iremos analisar como a obra amplifica, constrói e discursa sobre essas questões nos contos “Sargento Garcia”, “Aqueles dois” e “Terça-Feira Gorda” de Caio Fernando Abreu (2005).

4.1 SARGENTO GARCIA

Em “Sargento Garcia” temos um narrador-personagem que busca contar sua experiência com um militar na juventude. O conto se passa em dois espaços, dentro e fora de um quartel, tendo Garcia e Hermes como personagens principais, e Isadora um personagem secundário. O tempo é cronológico e se dá de maneira linear, narrando a sedução de Garcia por Hermes. Hermes é um jovem que possui dezessete anos com dons artísticos e intelectuais que busca a dispensa do serviço militar, tudo milimetricamente pensando, já que possuía em suas mãos um falso atestado feito por um médico amigo da família, onde constatava que o jovem sofria de taquicardia e pressão baixa.

A narrativa começa com a voz autoritária do sargento referindo-se a Hermes: “- Hermes. – O rebenque estalou contra a madeira gasta da mesa. Ele repetiu mais alto, quase gritando, quase com raiva: - Eu chamei Hemes. Quem é essa lorpa?” (ABREU, 2005, p. 79). Hermes se encontrava nu em uma sala quente onde propagava a ideia de ruína, com ventiladores enferrujados girando no teto, paredes descascadas, muitas moscas, cheiro de suor, estrume e lotada de outros adolescentes. Após alguns minutos de conversa e muita ofensa, Garcia enxerga em Hermes traços que o distinguem em relação aos outros: seria “delicado” e “educado”. “Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Pois se te pego num cotado bravo, tu vai ver o que é bom para tosse” (ABREU, 2005, p. 81).

O tempo todo Garcia tenta instaurar em Hermes o sentimento de insegurança, medo e deslocamento. “Eu pressenti o ataque. Eu quase admirei sua capacidade de comandar as reações

daquela manada brutal da qual, para ele, eu deveria fazer parte. Presa suculenta, carne indefesa e fraca”. (ABREU, 2005, p. 82). Podemos perceber que o conto apresenta Hermes como um personagem que não segue o modelo hegemônico, comparado com os outros jovens do recinto ele chama atenção porque desvia desse modelo de masculinidade, destoa do padrão, fazendo com que vire alvo, existindo também uma relação ambígua entre o desvio e o desejo.

O sargento o escolhe por ele não ser igual aos outros, com isso, há um desvio do padrão e o interesse do sargento por Hermes. Já Garcia, o tempo inteiro é descrito por suas habilidades: “[...]senti seus olhos de cobra percorrendo meu corpo inteiro vagarosamente. Leão entediado, general espartano, tão municioso[...]” (ABREU, 2005, p. 81). Esperto, atento, ágil e brutal Garcia mostra o seu poder perante o outros através da sua força, intimidando, usando o rebenque. A metáfora do cristão na arena para ser devorado pelo leão se estende por todo o conto: é irônico que um jovem que vai se iniciar sexualmente com outro homem seja comparado a um cristão abatido pelo Império Romano.

A construção do personagem exala o estereótipo de masculinidade requerente pela heteronormatividade. Garcia em diversas partes do conto mostra como a força é algo primordial, a violência é a solução e que o domínio precisa ser exercido. “E com eles a gente tem e que tratar assim mesmo, no braço, trazer a li no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cangote e a vida vira um inferno” (ABREU, 2005, p. 87). Fala dos companheiros que compartilham do mesmo local de trabalho de forma bruta, usando termos e objetos que são associados aos animais.

Demonstrando interesse e articulando conhecer melhor o menino, Garcia descobre que ele pretende fazer vestibular para Filosofia, fato que o surpreende:

Pois seu filósofo, o senhor está dispensado de servir à Pátria. Seu certificado fica pronto daqui a três meses. Pode se vestir. – Olhou em volta, o alemão, o crioulo. – E vocês, seus analfabetos, criem vergonha nessas caras porcas e mirem-se no exemplo aí do moço. Como se não bastasse ser arrimo de família, ainda vai sair um dia filosofando por aí, enquanto vocês vão continuar pastando até a morte (ABREU, 2005, p. 84).

Mais uma vez ele precisa usar de elementos externos para provar a superioridade de um para com outros, é como se o elogio pelo elogio não fosse permitido, o fato de ele falar que Hermes além de ser de boa família ainda poderá ser alguém de renome, poderia soar tendencioso, mas a forma como ele fala inferiorizando os demais para fazer esse elogio, não coloca em risco a sua sexualidade. Além do mais, ele diz “– Minha filosofia de vida é simples: pisa nos outros antes que te pisem” (ABREU, 2005, p. 87).

Garcia é um personagem que serve de modelo para os demais, por ser autoridade em seu ambiente de trabalho, ele tem que exalar, ordem, respeito, ser temido, no fundo, a representação da justiça, do certo. A sua personalidade parece ser comprovada/legitimada pelo estilo de vida que ele possui. “Aprendi a me virar, seu filósofo. A me defender no braço e no grito” (ABREU, 2005, p. 87).

De acordo com o conto, o sargento aparenta ser um homem adulto, com muitas vivências e marcas de um estilo de vida singular. “- Pois tenho trinta e três. Do teu tamanho andava por aí meio desnortado, matando contrabandista na fronteira. (ABREU, 2005, p. 87).

Logo após sair do quartel, descendo a rua e apreciando a paisagem indo em direção ao ponto de ônibus. Hermes é abordado por um velho Chevrolet: era Garcia, que, com voz suave, oferece uma carona. O menino aceita o convite e, em determinado momento da viagem, começa a ser seduzido pelo sargento: “A mão quente subiu mais, afastou a camisa, um dedo entrou no meu umbigo, apertou, juntou-se aos outros, aranha peluda, tornou a baixar, caminhando entre minhas pernas (ABREU, 2005, p. 88).

O militar propõe ao garoto que desfrutem de um lugar mais reservado para que possam ficar mais à vontade. Hermes, desconfiando das intenções de Garcia, concorda com a proposta mostrando que também possui desejos, mas confessa que ainda é casto, nunca fez sexo com alguém, o que choca o militar: “- Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem.” (ABREU, 2005, p. 89).

A reação do militar pode ser interpretada como uma surpresa, visto que, a heteronormatividade visa que a sexualidade masculina seja comprovada. É preciso expressar de forma nítida sua virilidade, possuir uma vida sexual ativa. Hermes ainda não possuía, as expressões “Tamanho homem” ou “Taludinho” é usada para se referir que ele já é um adulto e, conseqüentemente precisa exercer essa vida sexual, afinal, a vida sexual masculina era iniciada muito cedo, Hermes possuía 17, quase 18 anos. Outro ponto que é importante observar são os exemplos usados pelo sargento, no caminho para uma relação homossexual ele usa de exemplos de cunho heterossexual para questionar Hermes sobre sua castidade. São situações comuns na vida do indivíduo masculino, visto que, a heteronormatividade reconhece como legítima apenas relações entre indivíduos do sexo oposto. O enredo caminha para a proposta feita por Garcia a Hermes sobre ele ensinar o ato sexual.

Essas primeiras observações que foram feitas e que constituem a narrativa do conto viabilizam uma interessante análise do personagem Garcia, principalmente no que diz a respeito

sobre o e seu comportamento e as relações estabelecidas em determinados lugares citados no conto. Podemos analisar através de alguns trechos como o conto dialoga com o heteronormativo. No trabalho, ele conserva uma postura rígida diante dos outros companheiros, os quais ele acha que são grossos e limitados intelectualmente. A farda é, por si, um símbolo de poder e legitimidade masculina.

Em locais públicos, defronte aos outros, ele usa uma série de técnicas heteronormativas para provar sua masculinidade: possui uma voz grave, se refere sempre de maneira autoritária, inferioriza os outros para se sentir maior, fuma e até cheira a suor. Todas essas características são primordiais para a construção de um personagem que aparentemente segue os modelos heteronormativos.

Hermes é levado por Garcia a uma casa que possui uma sala escura, com flores murchas boiando em água viscosa, e a porta de madeira velha com vidro rachado. A casa era comandada por Isadora. A dona do recinto oferece a chave de um quarto que possui uma cama com lençóis encardidos e um rolo de papel higiênico cor-de-rosa sobre um caixote de feira que servia de mesinha-de-cabeceira. Quarto esse que serviria de lugar para desfrutarem dos prazeres:

Joguei as peças, uma por uma, sobre o assoalho sujo. Deitei de costas. Fechei os olhos. [...]. Então um corpo pesado caiu sobre o meu e uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas, inventando um caminho novo. [...] tranquei a respiração. Os olhos abertos, vi a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abriu caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada, quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com o corpo, procurei jogá-lo para fora de mim.

– Seu puto – ele gemeu. – Veadinho sujo. Bichinha louca (ABREU, 2005, p. 92).

Garcia nesse “ensinamento do ato sexual”, demonstra o que a heteronormatividade espera da sua condição de homem em relação ao ato, exercendo a função de ganhão, aquele que controla através do sexo, de forma ativa, ele domina Hermes deixando transparecer uma relação clara entre penetração e poder. Lostrada (2015) fala que o desejo de dominação também se exerce sobre relações homossexuais, onde um dos indivíduos é feminizado e, portanto, desprovido de seu estatuto de honra e dignidade masculina. A heteronormatividade opera a base dessas regras, independentemente do tipo de ato, ela obriga que uma das partes exerça essa função.

No conto, Garcia pode ser interpretado como a personificação do poder, da autoridade. Há uma relação de subordinação tanto no que diz a respeito das posições sociais, ele como sargento e Hermes como civil, como no ato sexual. Levando em consideração esses moldes, o sexo é encarado como uma forma de dominação, refletindo a ideia de tomada e posse, do outro, do corpo do outro. Forma uma espécie de jogo, embora ambos sejam homens buscando a mesma finalidade, Hermes é tido como a “sua vítima” (ABREU, 2005, p. 90) por Garcia.

O sargento – tende usar termos pejorativos tais como: “puto”, “veadinho sujo” e “bichinha louca” – na intenção de agredir e também como forma de legitimar a masculinidade dando embasamento a ideia de dominação, é preciso inferiorizar Hermes para que o sargento se sinta maior, deixar claro quem está sendo dominado, punir enquanto penetra para que seu poder de autoridade esteja seguro, buscando enquadrar-se nos moldes normativos nos quais os homens devem expressar masculinidade, só para não sejam deslegitimados.

O conhecimento da teoria pode nos ajudar a enxergar como e onde a heteronormatividade está para os contos escritos, como por exemplo: na construção de Garcia, o cargo que ele ocupa é em uma instituição de homens e para homens, a forma como os personagens se refere a ele são carregadas de respeito ou pronomes possessivos do tipo: “meu sargento” (ABREU, 2005, p. 79-80), ele não é um sargento qualquer, o mesmo performa a ideia de respeito, autoridade, masculinidade, honra, tudo aquilo que a norma cobra para que ele não se torne um sargento qualquer, mas sim o sargento respeitável, temido e dominante.

A escolha da posição desempenhada na hora do sexo, o local onde acontece, a forma como tudo se encaminha, deixar o espaço público onde fica assegurada sua honra e parte em busca de um ambiente privado, nesse caso, o recinto de Isadora, uma pessoa trans. Um plano bem bolado para que ele, enquanto homem, não seja exposto à sociedade, para não ser descoberto e deslegitimado. A virilidade masculina é também sobre dominação, honra, postura, posse e autoridade, além disso exige que seja validada por outro(s) homem(s). “[...] tu sabe como é, tem sempre gente espiando a vida alheia, melhor eu ir na frente, fica no portão azul, vem vindo devagar, como se tu não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto em toda a minha vida” (ABREU, 2005, p. 89).

O conto caminha para o fim da narrativa depois que a relação sexual acontece, Hermes consegue se desprender de Garcia deixando o recinto de Isadora um tanto atordoado:

Subi correndo no primeiro bonde, sem esperar que parasse, sem saber para onde ia. Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde. Pedi passagem, sentei, estiquei as pernas. [...]. Debruçado na janela

aberta, olhando as casas e os verdes do Bonfim. Eu não o conhecia. Eu nunca o tinha visto em toda a minha vida. Uma vez desperta não voltará a dormir. O bonde guinchou na curva. Amanhã, decidi, amanhã sem falta começo a fumar (ABREU, 2005, p. 94).

Os últimos parágrafos do conto mostram a falta de compreensão de Hermes pelo mundo e também pela situação que acabou de lhe ocorrer. O rapaz segue os princípios filosóficos de Leibniz: “é um cara aí, dizia que tudo no Universo são. Assim que nem janelas fechadas, como caixas. Mônadas, entende? Separadas umas das outras. [...]. Um coisa assim meio sem ter nada a ver umas com as outras” (ABREU, 2005, p. 86).

O ato de fumar como virada ritual na vida de Hermes é uma referência direta aos anos 80. Até essa década, o ato de fumar era uma afirmação pessoal, tida como um charme e poderia auxiliar nas conquistas amorosas.

Existem novas perspectivas de relações sexuais que fogem dos padrões canônicos. Nem tudo está posto e claro como ele acreditava, um exemplo disso é a aparição de Isadora que surge no conto colocando em xeque o binarismo de gênero compreendido por Hermes, causando estranhamento ao se deparar com aquela imagem nunca antes vista.

- O de sempre, então? – ela perguntava, e quase imediatamente corrigi., dentro da minha própria cabeça, olhando melhor e mais atento, ele, dentro de um robe colorido desses meio estufadinhos, cheio de manchas vermelhas de tomate, batom, esmalte ou sangue. – O senhor, hein, sargento? – piscou, íntimo, íntima, para o sargento e para mim (ABREU, 2005, p. 89).

Se o pronome adequado era “ele” ou “ela” para se referir a Isadora, Hermes não consegue definir, o que chama atenção nessa construção é a forma como o personagem reage a essa situação, como se construiu. É a “ingenuidade” de Hermes defronte a uma nova possibilidade de existência que até então ele não conhecia. A estética de Isadora transita entre o masculino e o feminino causando em Hermes um fascínio: “Porque ninguém esquece uma mulher como Isadora [...]” (ABREU, 2005, p. 94).

Podemos interpretar que a figura de Isadora desestabiliza esse sistema binário, de oposição entre masculino e feminino. Como também dessa comparação entre Hermes e Garcia, onde um é descrito pelas características tidas como masculinas e o outro por não as expressar tanto.

O conto cumpre a absoluta função de reflexão, está para além do título de “conto homoerótico” no qual a crítica já tanto classificou. É possível perceber como a heteronormatividade é uma força atuante nos personagens dessa obra que nos interessa e são

importantes para essa pesquisa. O que também chama atenção é o trabalho que Caio Fernando Abreu teve ao escrever um conto com personagens que exprimem tão bem suas necessidades humanas e a forma que encontram para exercer os *desejos da carne*. São esses e inúmeros outros pontos que fazem de Sargento Garcia um conto que causa muita fascinação aos leitores, tanto pela forma como a situação é abordada, como pela riqueza de detalhes apresentados.

4.2 AQUELES DOIS

"Aqueles dois" penúltima história do livro *Morangos Mofados* mostra o cotidiano de dois homens que foram contratados, de forma separada, para trabalharem em uma firma. Narrado em terceira pessoa, o conto apresenta um narrador tendencioso, que busca através da sua perspectiva contar a história de Raul e Saul. O enredo se passa em alguns espaços, tendo como focos principais: o local de trabalho e os recintos em que moravam:

Eram dois moços sozinhos. Raul viera do Norte, Saul do Sul. Naquela cidade todos vinham do Norte, do Sul, do Centro, do Leste – e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referências – uma mulher, um tio, uma mãe, uma amante (ABREU, 2005, p. 133).

O nome do conto já fala algo, o pronome demonstrativo “aqueles” transmite essa ideia de distanciamento, então, a narrativa inteira é abordada por visões dos outros sobre os protagonistas. O narrador vai proporcionando informações que induzem o leitor a uma determinada interpretação do que possivelmente seria a relação entre Raul e Saul. O subtítulo é marcado pela impactante frase “história de aparente mediocridade e repreensão”, já diz por si, muita coisa (ABREU, 2005, p. 132).

O conto gira em torno da interpretação do que possivelmente seria a relação entre Raul e Saul. Embasado nos moldes heteronormativos, o enredo tenta materializar em Raul e Saul uma certa anormalidade/mistério, ou tenta mostrar que os outros/o meio social no qual estão inseridos enxergam eles dessa maneira.

Começa com o questionamento em torno do fato de que os personagens não possuem ninguém próximo, tais como mulher, mãe e amante. A heteronormatividade visa a necessidade do matrimônio/ de um relacionamento para legitimar a sexualidade masculina, é uma forma que a sociedade encontrou ao longo do tempo de sustentar essa prática regulatória, além de atentar para o fato da figura feminina sugerida, presumindo que só existe relação entre homens e

mulheres. “Raul vinha de um casamento fracassado de três anos, sem filhos. Saul vinha de um noivado tão interminável que terminara um dia” (ABREU, 2005, p. 133-134).

O conto segue nos apresentando os poucos detalhes sobre os protagonistas para que possamos conhecê-los melhor, na medida do possível. Moreno de barba e com a voz de baixo fundo, Raul possuía habilidades artísticas para a música e instrumentos, possuía um violão e uma sabiá na gaiola chamado Carlos Gardel.

Já Saul tinha uma TV colorida defeituosa, habilidades com desenho e tinta, além de reproduções dos famosos quadros do Van Gogh, ambos possuíam a mesma altura e despojavam de um porte físico semelhantes, mas o narrador atenta para o fato de que Saul parecia ser mais frágil. Com isso:

Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficavam nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum deles tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia (ABREU, 2005, p. 134).

É possível constatar que eles não tinham amizade, o laço começa a ser construído no trabalho, de maneira bastante discreta, mas cordial. Apenas eventuais cumprimentos, cruzavam-se silenciosos, mas era como se existisse “uma estranha e secreta harmonia” (ABREU, 2005, p. 134).

Um dia Saul chega atrasado, e conta que havia ficado assistindo a um filme chamado “Infância” (*The children's hour*), baseado em peça de Lillian Hellman, dirigido por William Wyler no qual protagonizam Audrey Hepburn e Shirley MacLaine. O filme narra a história de duas professoras do ensino médio que são falsamente "acusadas" de serem lésbicas.

Ninguém na repartição conhecia o filme, exceto Raul. Daí surge a ideia de tomar um café e passar o restante do dia conversando sobre o filme. O cinema passa a ser o motivo do surgimento dessa amizade. Os personagens até ficaram ansiosos para que o fim de semana passasse rápido e a segunda-feira voltasse logo, para que pudessem continuar a conversa.

Com isso, as mulheres da firma começam a planejar festas e eventos, visando atraí-los para recepções sociais no intuito de conhecê-los melhor. Porém, quase sempre declinavam os convites e quando aceitavam, preferiam a companhia um do outro nesses ambientes para falar sobre filmes. Depois dos primeiros drinks, finalmente conversaram sobre os relacionamentos passados, fracassos e mulheres. “E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de

todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas” (ABREU, 2005, p. 136).

O ritmo do conto é de maneira bem lenta, visto que tudo acontece com base na expectativa desse estreitamento do laço que os une. Como essa relação vai se desenvolver e no que ela iria se transformar. A chave da história passa a ser o fato de que nada ocorre ou, melhor dizendo, as ações só decorrem com base nesse elo dos protagonistas. Entre trocas de presentes em datas comemorativas, e o apoio que Saul prestou a Raul na perda de sua mãe, faz com que eles ficassem ainda mais próximos. Em meio a solidão que os cercam, encontraram um no outro um apoio.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, jogavam cartas, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava – vezequando “El día que me quieras” vezenquando “Noche de ronda” – Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel pousado em seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas. Quando faltavam dez para as seis saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda (ABREU, 2005, p. 137).

Os companheiros de trabalho começaram a encarar a amizade como estranha, o fato é que, em pequenos sinais tais como o cabelo molhado, o não ter interesse pelas mulheres da repartição, começaram a atribuir ações e significados a esses atos. A heteronormatividade passa a questionar a masculinidade quando há relação afetiva entre dois homens, principalmente quando eles não estão expressando a sua sexualidade de forma viril. Raul e Saul estavam sozinhos, no que diz a respeito ao estado civil, e como era de preferência esse status, começavam a especular os motivos e criar teorias sobre. Ambos estarem de cabelos molhados no local de trabalho sugere a ideia de que possivelmente tomaram banho juntos e conseqüentemente tiveram relações sexuais.

As mulheres da repartição tentam seduzi-los, quando não conseguem, partem para a atitude de ignorá-los por completo, enquanto os homens ficam na tentativa de "sacar qual é a deles", e com isso começam os comportamentos hostis dos companheiros de trabalho para com os protagonistas do conto. E aí podemos entender através de exemplo o que ocorre quando alguém destoa desse padrão.

No Natal e no Ano Novo, eles recusaram os convites dos colegas e resolvem passar essas datas juntos, trocando presentes. Raul entrega para seu amigo uma reprodução de O nascimento de Vênus, de Botticelli como presente, já Saul retribui com uma coletânea de Dalva de Oliveira. Após festejar a passagem do ano, regada a álcool e felicitações, eles encerram a noite, ambos vão para o banheiro se trocar, se despem juntos, elogiam o corpo um do outro e vão deitar em camas separadas.

No dia seguinte já era ano novo:

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias – e tinham planejado juntos quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro -, ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostra-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desanimados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários, declarou frio: os senhores estão despedidos (ABREU, 2005, p. 139-140)

A demissão dos dois é o ápice do conto, pode ser interpretada como uma punição ou uma exclusão a qual a sociedade os submete. Não há evidências explícitas de que Raul e Saul sejam homossexuais, não há qualquer ratificação dessa hipótese. Particularmente no conto em apreciação, a firma pode ser tomada como uma alegoria para se pensar a estrutura social. Onde as pessoas são obrigadas a zelar por questões socialmente construídas, seguir moldes canônicos de ser e existir, no fim, serem heteronormativos para pertencer a um determinado local.

Podemos encontrar no conto escrito por Caio Fernando Abreu, que um dos requisitos para que se mantenha um edifício estável da masculinidade é o silêncio em torno dos rituais que a sustentam. Os discursos expressos na citação e todas as práticas comedidas são o reflexo desse comportamento regulatório, que para se instituir como absoluta, restringe papéis sociais e define através dele o que é certo, natural e normal.

Como seria de se esperar, por se tratar de um conto escrito por Caio Fernando Abreu, os artefatos culturais citados no conto adquirem, todos eles, função simbólica, uma espécie de intertextualidade. É perceptível o questionamento ou a forma atuante da heteronormatividade nessas três referências listadas:

- O filme que inicia a relação dos protagonistas: *Infâmia*. Retrata o destino dos próprios personagens perseguidos pela discriminação de não possuírem relações heteronormativas. No caso do filme, a acusação de que as professoras Martha e Karen teriam tido relações lésbicas termina sendo ainda mais devastadora e leva Martha a cometer suicídio. Ambos finais são marcados por essa ideia de “fuga”, “abandono” ou “evasão”. “Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. AI-AI! alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina”. (ABREU, 2005, p. 140)

- A canção escolhida por Raul "*Tú me acostubraste*", um bolero de autoria do Frank Domínguez, melancólico e evocativo, transparece a ideia de um amor que transformou uma vida. O próprio nome do sabiá, denominado de Carlos Gardel, evoca também o universo do tango, ao se trata do cantor mais famoso do gênero. Bastante popular e construído em torno de um mundo masculino abordando frustrações no amor.

- A reprodução de Van Gogh, guardada no quarto de Saul e depois dada a Raul com presente de aniversário, é descrita como "aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, o chão de madeira" (ABREU, 2005, p. 134). Uma possível alusão ao “Quarto em Arles”, uma representação da relação que tiveram e uma referência direta a Van Gogh, há especulações que o quadro seja uma representação da suposta relação que ele teve com seu amigo também pintor.

- A pintura, para todos os efeitos, retrata a espera de um homem por outro homem e um quarto, no fim, é isso que importa e serve de margem aqui. A relação de Saul e Raul encontra metáforas e significados que vão sendo trocadas: Saul fica com a letra de "*Tú me acostubraste*", copiada por Raul, enquanto este fica com a reprodução de Van Gogh que pertencera a Saul.

O fim do conto é marcado pela saída de Raul e Saul da repartição, encarando o local onde trabalhavam. A descrição do prédio onde a firma funciona é “feio”, “parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica” (ABREU, 2005, p. 135). O tipo de estrutura usada para narrar o conto, a forma de narrar, os arcos dos personagens e a descrição do prédio remete a uma estrutura fechada, assim como a heteronormatividade. Raul e Saul vão embora no taxi. Imaginando que:

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram (ABREU, 2005, p. 140).

Para o conto "Aqueles dois", é primordial que se fixe a ideia de que os personagens não se identificam como *gays* e, em nenhum momento é essa a temática principal. Se os leitores e os colegas de repartição não sabem qual é a natureza daquilo que os une, eles tampouco o sabem. Estão vinculados por um afeto que não possuía uma definição explícita, pareciam não ter preparo para dar nomes às emoções e nem conhecimento para entendê-las.

Essa zona imprecisa, do é ou não é, acaba sendo motivo de raiva para os colegas de escritório, que se identificam como paladinos da heteronormativa. Mais ameaçador para essa ordem é a possível presença de dois homens que naquele momento. Nas perspectivas dos colegas de trabalho, não cumprem com as regras heteronormativas ou não cumprem como eles imaginavam.

A raiva expressa na denúncia em forma de carta, feita pelos companheiros de trabalho, é o reflexo dessa incapacidade de não saberem as identidades sexuais de Raul e Saul, visto que ao longo do tempo, o normal era essa dualidade homo/hetero, homem/mulher, macho/fêmea. O ponto chave do conto é justamente não confirmar nada, e a partir disso, construir o efeito de incerteza expressa pelos outros personagens. O que resta é a indefinição do texto criada pela narrativa, o uso da incerteza nesse conto é o que faz com que eles passem a assumir múltiplos sentidos para aqueles ao seu redor.

4.3 TERÇA-FEIRA GORDA

O conto "Terça – Feira Gorda" é de pequena extensão, narrado em primeira pessoa, conta a história de dois sujeitos masculinos que se encontram durando um dia de carnaval. Os atos principais acontecem no salão que se encontravam no início do conto, e subsequentemente na praia, onde narra o desfecho.

De repente, ele começou a dançar bonito e veio vindo para mim. Me olhando nos olhos, quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodka com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava, passando de mão em mão dentro dos copos plásticos. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã, purpurina na cara. Oxalá, braços levantados. Ogum de umbanda, dançando bonito. Um movimento que descia dos quadris pelas coxas, até os pés, então olhava para baixo, depois o movimento subia novamente, atravessando a cintura, até os ombros. Era então que sacudia a cabeça, olhando para mim, cada vez mais perto. Eu estava todo suado. Todo mundo estava suado, mas eu não via mais ninguém além dele (ABREU, 2005, p. 56).

O início da narrativa é marcado pela sensualidade do sujeito que está indo de encontro ao narrador-personagem, evidenciando partes do corpo, tais como: quadris, coxas, ombros, cintura e pés. Ele dá início a um processo de sensualidade através da dança, até se aproximar do outro personagem. “Não havia palavras. Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada, além daquele chegar cada vez mais perto” (ABREU, 2005, p. 56-57).

É importante ressaltar que a heteronormatividade é a forma padrão de como as pessoas em sociedade devem organizar suas vidas e, um dos principais requisitos é seguir o modelo heterossexual. Essa passagem do conto já evidencia uma quebra dessa regra.

Ao destacar diversas partes do corpo, o texto propõe uma certa valorização dessas zonas que ultrapassam a ideia de que o prazer está estabelecido apenas nos órgãos genitais e, pela forma como são descritas atribui-se a elas erotização. O personagem é encantado pelo ritmo da dança e cria toda uma atmosfera que combina com o carnaval. “Eu estava suado, todos estavam suados, mas eu não via ninguém além dele” (ABREU, 2005, p. 56).

O encontro de ambos se dá de forma natural, embalados pelo ritmo carnavalesco os personagens expressavam os seus desejos de frente um para o outro:

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadril, coxas, pés, olhar para baixo, subir o movimento pela cintura até os ombros, então sacudia os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. [...]. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. Não parecia bicha nem nada: só um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era só um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também (ABREU, 2005, p. 57).

O interessante desse conto é o fato de que existe uma atração entre dois homens, que não se reconhecem como *gays*, mas usam de um estereótipo estético já estabelecido sobre “parecer *gay*” como base de seu julgamento. Uma ideia ligada a sentidos de masculinidade e feminilidade. Os símbolos relacionados à masculinidade são mais valorizados, uma vez que cumpre com os requisitos da heteronormatividade. Tudo isso, visando ser aceito e respeitado perante a sociedade, é a norma que define quanto mais próximo do padrão heteronormativo, melhor aceito.

A possibilidade do encontro apresentada no trecho acima, ocorre pelo grau de desejo que um sentiu pelo outro, e o fato de ambos serem corpo de homens, não poderia definir a

sexualidade deles de forma geral, porque naquele momento o desejo era a pauta. A heteronormatividade possui um caráter poderoso pela forma como exerce o controle dos indivíduos e todos os aspectos que o cercam, não existe a possibilidade de fugir dela, todos os indivíduos sentem suas consequências, há níveis, onde alguns são mais impactados e outros menos. Com isso, quero dizer que um homem *gay* por ser um homem *gay* não está isento de ser heteronormativo ou possuir atitudes desse cunho.

O fato de um não parecer *gay* ou seguir a norma heteronormativa seria um motivo a mais para o desejo. O conto dá início a entrega dos dois personagens. O ritmo da dança e o embalo da festa sugerem um cenário de desejo, a forma que ambos dançavam, agora juntos, levando em conta o discurso, diz muito sobre essa correspondência de gostos. O ideal de masculinidade, em que é ressaltada a virilidade e o corpo musculoso é a forma que tanto nos é imposta como desejável e atraente.

Os personagens se reconhecem como masculino e escolhem outros corpos masculinos como suas preferências, quebrando o paradigma do desejo homem/mulher. A teoria *queer*, diferente da heteronormatividade busca valorizar essas novas formas de possibilidades no campo da relação e do desejo.

O conto desde o início, expressa a ideia de que o corpo é uma zona a ser explorada, existe sensualidade em diversas partes que o compõem. Não estabelecendo qualquer regra para sentir prazer, perpassa os moldes heteronormativos apresentando um homem sentindo desejo por outro homem.

Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão na minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pelos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam (ABREU, 2005, p. 57).

O conto caminha para o encontro desse contato físico e, sobretudo, erótico, onde os personagens através do discurso, deixam claro mais uma vez a confirmação do desejo que ambos sentiram um pelo outro. É importante citar que esse ato de entrega dos personagens acontece em um ambiente público, com isso, há uma quebra das normas sociais, uma vez que a sociedade presencia essa cena. A retaliação por parte da quebra dessas normas, são os xingamentos descritos nas últimas linhas desse trecho citado.

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando. Olha as loucas, vamos embora, daqui ele disse. E fomos saindo pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos (ABREU, 2005, p. 58).

É possível constatar, através da leitura desse trecho que os protagonistas começam a sofrer retaliações em virtude da quebra dessas regras, são agressões físicas, no que diz respeito os empurrões sofridos pelos indivíduos, e a violência psicológica quando eles são xingados durante a festa pelos termos “ai-ai”, “as loucas”, sendo repetidos três vezes durante o conto, essas agressões são marcas da aversão por tudo aquilo que fuja do padrão heteronormativo.

A desobediência às normas sociais ocorre com a manifestação dessa prática sexual que não colabora com o padrão heteronormativo, visto que ele é um parâmetro para todos, para se conseguir o poder ou os privilégios proporcionados pelo padrão hegemônico deverão exorcizar de si qualquer relação com a feminilidade e a homossexualidade. Buscando sempre manter distância do mundo das mulheres e controlar as manifestações de afetos para com os homens.

Apesar da data comemorativa carregar significados que contribuam para uma maior liberdade, é preciso lembrar que a heteronormatividade está para além dela. É como se existisse limites que não podem ser ultrapassados, principalmente no que diz respeito a essas práticas serem exercidas em locais públicos. Por isso os personagens procuram outro lugar, e esse ato parecer acontecer de forma natural para eles. “A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar” (ABREU, 2005, p. 59).

Não é porque os desejos sexuais dos personagens foram de certa forma, barrados naquele ambiente, que eles vão deixar de existir, a heteronormatividade dita o que é certo, tido como normal, regula, pune e evidencia, mas não tem competência para anular completamente os comportamentos que fogem do padrão estabelecido. É um conceito ultrapassado, o *queer* busca dar reconhecimento a essas formas consideradas abjetos pela heteronormatividade. Por isso os protagonistas buscam exercer esse desejo em um ambiente com menos fluxo de gente. Porém, são perseguidos e agredidos por uma multidão (ABREU, 2005):

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio, o pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas (p. 59).

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeira a do corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis

suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (p. 59).

Os trechos acima, narram a terrível situação que os personagens estão passando ao buscar satisfazer *os desejos da carne*, o conto apresenta no desfecho passagens brutais no que diz respeito a forma que termina a relação entre os protagonistas. Um correndo nu em busca de salvar a sua própria vida, e o outro estendido no chão, entregue à justiça dos paladinos sociais.

As pessoas que não seguem esses padrões ou possuem relações que não são heteronormativas, matrizes ou padrões hegemônicos, estão destoando dessa sociedade, tem que subjugar-se a um sistema que não os reconhecem como legítimos, como tampouco os protegem. A heteronormatividade busca dar legitimidade apenas às premissas heterossexuais e todos os aspectos que as envolvem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização dessa pesquisa, foi assumido o desafio de reconhecer e analisar, no texto literário, aspectos da heteronormatividade. Com isso, surgiu o interesse em analisar os personagens masculinos presente nos contos “Aqueles dois”, “Terça-Feira Gorda” e “Sargento Garcia” de Caio Fernando Abreu, a fim de observar nos contos se há traços da heteronormatividade presente e, subsequentemente, questioná-los.

Com a percepção da heteronormatividade chegamos a uma melhor compreensão sobre essa matriz sexual, associados ao contexto dos contos analisados, foi fundamental para estabelecer identificação da mesma na construção dos personagens.

Para compreender melhor o conceito de heteronormatividade partimos da teoria queer e suas reflexões, como principal fundamentação os estudos de Milskolci (2012), que em sintonia com os estudos sobre gênero e heteronormatividade propostos por Butler (2003) e Louro (2001) contribuíram para a construção do resultado dessa pesquisa.

Cabe a ressalva, no entanto, que não foi o nosso objetivo trabalhar com a orientação sexual dos personagens, mas como o estudo analítico da heteronormatividade e sua relação com os personagens masculinos presentes nos contos.

Em “Sargento Garcia” nós podemos identificar os traços da heteronormatividade nos personagens masculinos, principalmente pelas semelhanças. Hermes é descrito como um personagem que não segue o modelo de masculinidade hegemônica, já Garcia performa e cumpre com todos os requisitos da heteronormatividade, isso faz com que se estabeleça uma relação de subordinação e comparação entre os personagens, além de outras passagens do conto que evidenciam e questionam as práticas heteronormativas.

No conto “Aqueles Dois” foi possível encontrar características da heteronormatividade nas ações que cercam os protagonistas principalmente naquelas que são exercidas por outros personagens para com eles. Outra forma de reconhecer as características da heteronormatividade é analisando os artefatos culturais que são apresentados durante o conto, eles apresentam, discursam e questionam a heteronormatividade.

Em “Terça-Feira Gorda” foi possível estabelecer a relação entre a heteronormatividade e o conto partindo da atração entre os protagonistas, nós evidenciamos o desejo levando em consideração o padrão estético que a heteronormatividade privilegia. Além disso, a violência narrada no desfecho foi um elemento importante para a análise do conto.

Em suma, foi possível identificar traços da heteronormatividade presente nos personagens masculinos, mediante a análise dos contos, sendo assim, alcançando o objetivo que se pretendia a presente pesquisa.

Portanto, tendo alcançado os objetivos traçados inicialmente, com o desenvolver da pesquisa e ao perceber a importância da heteronormatividade, é possível que outros estudos sobre as obras de Caio Fernando Abreu possam ser desenvolvidos por esse viés. Por fim, a heteronormativa nos proporcionou uma perspectiva de análise dos contos que pouco é aproveitado pela crítica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Morango Morfados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- ALVES, Rosebergh da Silva; PÁDUA, Vilani Maria. **Análise homoafetiva do conto *Terça-feira gorda*, de Caio Fernando Abreu**. Disponível em: <https://publicacoes.fafire.br/diretorio/nupic/nupic_2017_12.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LEAL, Bruno Souza. **Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro – contos, identidade e sexualidade em trânsito**. São Paulo: Annablume, 2002.
- LOSTADA, Lauro R. A Questão da Dominação Masculina na Constituição do Sujeito Moderno. **Revista Ártemis**. v. XIX, n.1, jan-jun, 2015, p. 161-167. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/download/26211/14105/>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MILSKOLCI, Richard. **A teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MOZZAQUATRO, Luziane Boemo. Fragmentação formal e repressão em O Sargento Garcia, de Caio Fernando Abreu. **Revista Ao pé da letra**, p. 81-90, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/peda letra/article/view/231480/25583>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- SILVA, Tatiani Meneghini da. **Homossexualidade e homoafetividade em “Morangos Mofados”**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/TatianiMenguini.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FENSKE, Elfi Kürten. **Entrevista simultânea:** Caio Fernando abreu. Ano, 2021. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/biografia/CaioFernandoAbreu.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

NETO, Luiz Mello de Almeida. Para além do heterocentrismo: a construção da conjugalidade homossexual. **Rev. de Pós-Graduação em Sociologia do UFPE**. Recife: UFPE, p. 91-116, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235435>>. Acesso em: 19 mar. De 2021.

EMEDIATO, Luiz Fernando. **Meu caso de amor com Caio Fernando Abreu**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.geracaobooks.com.br/lit.php>>. Acesso em: 16 abr. 2021.